

Comunicação Audiovisual e Formação de Estereótipos: Homossexualidade na Televisão Brasileira¹

Pablo de Oliveira LOPES²
 Universidade Santo Amaro, São Paulo, SP

Resumo

O campo da Análise do Discurso (AD) estabelece como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido atribuída por sujeitos sociais que lançam mão da linguagem e produzem verdades. A comunicação áudio-visual pode desenvolver uma relação profícua com a AD ao problematizar o papel dos discursos na produção das identidades sociais, pois a retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de formação de consciências e identidades. Partindo das premissas que envolvem questões éticas na comunicação audiovisual, o presente artigo visa refletir sobre a representatividade dos *gays* na televisão brasileira. Com base na semântica, os resultados parciais permitem considerar que a televisão contribui para a propagação de uma imagem distorcida da realidade, cuja desconstrução revela representações que valorizam o universo social heteronormativo e homofóbico.

Palavras-chave: *Gay*; preconceito; televisão; mídia.

1 Introdução

A retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de expressão do discurso social. O discurso é uma ferramenta de construção da identidade que influencia diretamente na percepção que cada ser humano tem de si mesmo. Assim sendo, atravessa o discurso midiático e exerce papel fundamental na formação de consciências e identidades. Para Gregolin, “A análise do discurso pode delinear algumas relações que a mídia estabelece, interdiscursivamente, com outros dispositivos textuais que circulam na sociedade” (2007, p.3).

Partindo dessa premissa, como se aborda a questão da representatividade homossexual na televisão brasileira? Segundo Tucci Carneiro (1996), o discurso da intolerância caracteriza-se por diferentes formas de expressão: pela linguagem escrita, visual e oral. Na linguagem visual, encontram-se os filmes, as telenovelas, os programas humorísticos, as gravuras, as caricaturas e as fotografias como formas de expressão nas

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro-Unisa- São Paulo, SP, e-mail: lopespo33@gmail.com.

quais podem ser identificadas palavras, frases, gestos e comportamentos que contribuem para a perpetuação do preconceito por meio da reprodução de estereótipos.

O estereótipo pode ser definido como um dispositivo cognitivo que facilita o acesso a novas situações. Equivale a categorias que definem padrões de aproximação e de julgamento que orientam a leitura do novo a partir de referências prévias; assim, reduz a complexidade das interações concretas e contribui para ampliar o grau de previsibilidade nas novas interações. Crença rígida e simplificada, o estereótipo minimiza as variações presentes nos comportamentos individuais, definidos e explicitados em interações e contextos sociais específicos.

Estereótipos e realidade dependem um do outro e ratificam comportamentos e valores socialmente produzidos. O estereótipo remete ao etnocentrismo, visão de mundo que considera um grupo étnico, nacionalidade ou nação superiores aos demais. Estereótipo e etnocentrismo relacionam-se com o julgamento de práticas e padrões culturais e atribuição de valores a algumas características de determinados grupos de indivíduos. Muitas vezes pejorativos, tais julgamentos tendem a colocar as pessoas em posição de inferioridade, considerações que remetem para interpretações raciais de cunho eugênico.

Eugenia foi um termo criado por Francis Galton (1822-1911), em 1883, definido como estudo dos agentes sob o controle social, que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações. Galton pregava a aplicação do melhoramento genético na população humana. Exemplo extremo de eugenia foi o da Alemanha Nazista, onde o regime de Adolf Hitler (1889-1945) pregava a supremacia da raça ariana. O Holocausto adveio de tal princípio e resultou na morte de judeus, negros, *gays*, portadores de deficiência e demais indivíduos pertencentes a raças ditas inferiores.

Expressões populares presentes no dia-a-dia reafirmam o preconceito gerado pela disseminação de estereótipos: é o caso de ‘Não tenho nada contra, mas...’, ‘Ele é *gay*, mas ninguém diz. Se veste igual a todo mundo’, ‘Não tenho preconceito, tenho até amigos que são *gays*’, ‘Tudo bem ser *gay*, mas não precisa ficar desmunhecando’, ‘Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem’, ‘Não precisa ficar contando para todo mundo que você é *gay*’ e ‘Ele é tão bonito, nem parece que é *gay*’. Elas denotam a rejeição aos homossexuais, sentimento que podem ser explícito ou velado. A homofobia camuflada aparece como uma recusa em aceitar que os homossexuais são seres humanos iguais aos heterossexuais. Homofóbicos preferem não manter contato com homossexuais. A atitude homofóbica, em geral, vem acompanhada da frase ‘não tenho nada contra, mas...’. Nesse

sentido, é possível considerar que costuma haver um discurso de cunho religioso, com forte apelo moral, atrelado a estereótipos como ‘homossexuais são quase sempre promíscuos’.

As frases citadas têm impacto na produção midiática, sobretudo na comunicação audiovisual. Nesse sentido, cabe questionar como os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, exercem influência na fabricação de estereótipos sobre *gays*.

A ampliação dessas construções e permanências remonta aspectos oriundos da saúde e da medicina, pois a homossexualidade foi considerada doença. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou em seu primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais que a homossexualidade era uma desordem, o que levou diversos cientistas a tentar comprovar que havia um distúrbio mental nos *gays*. Com a falta de comprovação, em 1973, a mesma associação retirou a opção sexual da lista de transtornos mentais.

Uma outra causa de hostilidade face à homossexualidade foi a sua classificação como patologia pela comunidade médica do Séc. XIX. Nos primórdios do Séc. XX a homossexualidade foi incluída no ramo das doenças mentais e foram criadas clínicas para tratar os doentes homossexuais. A junção da visão médica às ideias emergentes da pureza racial e eugenia nos anos 1930 tiveram consequências desastrosas: cerca de 20.000 homossexuais masculinos, identificados por um triângulo cor-de-rosa, foram mortos em campos de concentração pelos nazistas. (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012, p. 2).

Em 1975, a Associação Americana de Psicologia seguiu o mesmo caminho e orientou os profissionais a não adotarem tal postura, evitando a difusão de preconceito. Entretanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu o homossexualismo na classificação internacional de doenças (CID) de 1977 como uma enfermidade mental, mas o retirou em 1990. Por essa razão, o dia 17 de maio tornou-se o Dia Internacional contra a Homofobia.

O longo período em que a homossexualidade ocupou a posição de transtorno mental conferiu imageticamente aos *gays* estigmas de doença e contribuiu, posteriormente, para o surgimento da associação entre homossexuais e uma grave enfermidade dos anos 1980: a AIDS. A geração dos anos 80 enfrentou a doença como uma sentença de morte, a chamada ‘peste *gay*’, termo carregado de preconceito e simbologia, que marcou anônimos e personagens famosos.

Em junho de 1981, o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma enfermidade considerada à época uma incógnita. Em 1982, ela

recebe o nome provisório de ‘Doença dos 5 H’, em razão de casos identificados em homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos (usuários de heroína injetável) e prostitutas (*hookers* em inglês).

No mesmo ano, autoridades sanitárias detectam a possibilidade de transmissão pelo ato sexual, pelo uso de drogas injetáveis e pela exposição a sangue e derivados. No Brasil, o primeiro caso é diagnosticado em São Paulo. A doença recebe o nome definitivo de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, em espanhol, ou AIDS, na sigla em inglês).

Em 1984, a equipe do virologista francês Luc Montagnier isola e caracteriza um retrovírus, vírus mutante que se transforma de acordo com o meio em que vive, como o causador da doença. Especialistas concluem que a Aids representa a fase final de uma doença provocada pelo HIV.

Três anos depois, o medicamento AZT é a primeira droga a reduzir a multiplicação do vírus no organismo humano. Ainda em 1987, a Assembleia Mundial de Saúde anuncia a data de 1º de dezembro como o Dia Mundial de Luta contra a AIDS. Os casos registrados no Brasil totalizam 2.775 no período, seguidos por 4.535 em 1988 e por 6.295 no ano seguinte (PORTAL BRASIL, 2011). Só em 1991 começa a distribuição gratuita de antirretrovirais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) já registrava 10 milhões de pessoas infectadas em todo o mundo.

2 A homossexualidade ao longo da história: homoafetividade e homofobia

Existem diversos registros que apontam relacionamentos homoafetivos, de pinturas rupestres a corpos sepultados com indícios de práticas sexuais homossexuais e de transexualidade. Personalidades históricas, que atuaram na construção da civilização, seja nas artes, na ciência, na política, na religião e na filosofia, foram homossexuais ou fizeram alusão ao assunto em suas obras. Entretanto, a compreensão da homossexualidade foi prejudicada e influenciada por valores desprovidos de senso crítico, baseados em senso comum e dogmas religiosos, o que acabou por incentivar o surgimento de uma cultura de ódio em relação aos homossexuais, com reflexos na postura social e legal em relação aos diferentes gêneros.

Ao contrário do que se possa acreditar, o comportamento homossexual nem sempre foi visto como errado. Em várias civilizações antigas da Ásia, África, Médio Oriente e América do Sul era considerado normal.

O motivo da mudança poderá ter como base a tradição judaico-cristã e as interpretações das suas Escrituras por necessidade de assegurar a linhagem, os povos israelitas, constantemente acossados e ameaçados por vários outros, tinham, com efeito, condenado o prazer e definido a homossexualidade como pecado. Assim, a partir da Idade Média, os comportamentos homossexuais foram incluídos na luta contra todas as formas de comportamentos não normativos. Observou-se uma tendência para aglomerar práticas como a feitiçaria e a ligação ao demônio, e grupos como os heréticos, judeus e homossexuais, numa só categoria distinta e ameaçadora. (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012, p. 2).

A terminologia ‘homoafetividade’ foi criada para incluir as uniões entre pessoas do mesmo sexo no âmbito de proteção dos regimes jurídicos da união estável e do casamento civil. Isto porque as uniões conjugais entre pessoas do mesmo sexo são pautadas no mesmo afeto romântico que as uniões de sexos opostos. O termo homoafetividade foi cunhado por Maria Berenice Dias com o intuito de destacar o amor romântico (e não o afeto fraterno) entre duas pessoas do mesmo gênero sexual. (MESQUITA, 2017, p. 13).

A homossexualidade tem sido objeto de acentuado preconceito ao longo da história humana e, com isso, passou a ser encarada pela sociedade em geral como algo ‘ não natural’, um pecado ou, ainda, de uma doença, desvio ou perversão psicológica. Thayná Cruz de Mesquita afirma:

Na antiguidade a relação homossexual era aceita. Inclusive, na Grécia antiga, a relação heterossexual era meramente para procriação. E o afeto, em sua maioria, era encontrado na relação homossexual. Portanto a homossexualidade é uma realidade que sempre existiu, é tão antiga quanto a heterossexualidade. Nas sociedades primitivas, os relacionamentos sexuais entre homens era prática constante e amplamente aceita, institucionalizada na cultura. Essa relação geralmente era realizada entre um homem mais velho e um adolescente (até atingir a fase adulta), pois via-se nesse tipo de relacionamento a forma pela qual o adolescente alcançaria a masculinidade, por meio da exclusão do contato dele com a mãe e das mulheres em geral. Algumas dessas práticas eram também baseadas na crença que o jovem só alcançaria fertilidade necessária a uma futura procriação através da sua realização. (2017, p.11).

Apenas relacionamentos sexuais entre homens são mencionados, não havendo muitas referências históricas sobre as mulheres, já que o entendimento dominante entre os homens da época era o de que não se poderia falar em relação sexual sem a presença de um homem. Desta forma, a sexualidade das mulheres era ignorada em virtude do preconceito.

O termo lesbianismo, por sua vez, também denota tempos remotos, possui ligação com as habitantes da ilha de Lesbos, por volta de 600 a. C., quando a poetiza Safo escrevia poemas descrevendo a beleza das garotas, demonstrando que tinha atração por mulheres, o termo então passou a ter o significado atual. (MESQUITA, 2017, p.11).

Segundo Poeschl; Venâncio; Costa (2012), o termo ‘homofobia’ foi cunhado pelo psicólogo George Weinberg, em 1972, para referir-se ao desprezo de alguns por homossexuais e também pelo rechaço de certos homossexuais por si próprios devido à sua orientação sexual.

A homofobia pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas o heterossexismo: as instituições sociais, por meio de seus discursos sobre gênero e moralidade, tentam manter o status dos grupos dominante e desviante, condenando qualquer comportamento ou relação que não seja heterossexual. O preconceito sexual é um pré-julgamento.

A homofobia continua também a manifestar-se nas profissões da saúde: estudos revelam que 89% das pessoas ligadas aos serviços de saúde manifestam reações negativas (como embaraço, rejeição, ou excessiva curiosidade) quando um/uma paciente se identifica como sendo gay ou lésbica. Existem diversas situações onde a homofobia se manifesta, como no fato do/a companheiro/a não ter direito às visitas em caso de internamento do/a outro/a nos cuidados intensivos, não o/a poder acompanhar na ambulância, e não ter direito a conhecer o seu estado de saúde. (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012, p. 3).

Ainda de acordo com Poeschl; Venâncio; Costa (2012), existem diferenças nos níveis de preconceito sexual manifestados pelos indivíduos: muitos estudos apontam que as mulheres são, em média, mais tolerantes para com a homossexualidade do que os homens e que a homossexualidade feminina é melhor aceita do que a homossexualidade masculina.

Tendo em vista a influência das religiões judaico-cristãs, o mundo ocidental tornou-se homofóbico, principalmente nos Estados Teocráticos (em que Estado e religião se misturam). Defendendo a ideia de que a homossexualidade configura um pecado e vai contra os desígnios de Deus, a religião contribuiu para a disseminação do preconceito.

3 Gays na telenovela brasileira

A telenovela brasileira, como tudo de resto, não retrata a realidade como ela é. Trata-se de uma ficção, de uma construção literária, porém, influencia poderosamente a cultura brasileira.

No que se relaciona ao tratamento dispensado aos *gays* na mídia audiovisual brasileira, os contrastes produzem um sentido danoso à comunidade LGBT. A homoafetividade acompanha a humanidade desde os seus primórdios, tornando-se difícil determinar, com exatidão, a primeira referência histórica ou literária sobre o fenômeno. Todavia, sabe-se que em praticamente todas as civilizações as relações homossexuais sempre estiveram presentes.

O discurso midiático também pode ser responsabilizado pela imagem que se tem dos homossexuais. Nas novelas e séries exibidas na televisão brasileira, *gays* são retratados com inúmeros trejeitos e, geralmente, são afeminados. Características a eles atribuídas para dar-lhes um tom de humor, aproximando-os do público, que acolhe com mais facilidade personagens engraçados. Para esconder ou amenizar o que se supõe ser um defeito, elaborase uma caricatura que, por sua vez, acaba por adentrar o caminho da generalização.

Não é incorreto afirmar que *gays* podem ser afeminados e que, em alguns casos, comportam-se de maneira semelhante às mulheres. Lésbicas também podem assumir comportamentos masculinos. Entretanto, ainda que essa dimensão exista, deve-se considerar que homossexuais são diferentes em suas identidades, com personalidades construídas em histórias de vida singulares, o que os leva a ter outras manifestações corporais, comportamentais, de luta e de resistência frente aos padrões normativos que imperam e fabricam *gays*. Vale dizer, não existe uma identidade fixa, mas diversidade na diferença.

Esteretótipos acompanharam os homossexuais que viveram a década de 1980, período em que a AIDS ganhou força e se espalhou mundo afora. A associação ente HIV e *gays* passou, sem dúvida, pela percepção de que todos os homossexuais eram promíscuos. A criação de estereótipos e sua reprodução tem como um dos alicerces justamente a generalização, a criação de rótulos. A discriminação continua a existir. Segundo Gianna (2017), uma pesquisa realizada pelo CRT DST/AIDS-SP, em conjunto com a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em 2011, na capital paulista, homens que fazem sexo com homens (HSH) e transgêneros como travestis e transsexuais são vítimas de preconceito. Entre 1.217 entrevistados, 33,5% disseram ter sofrido abuso, 15,1% sofreram agressões físicas e 62,3% ofensa verbal.

Há 30 anos, a AIDS era sinônimo de morte. Nos dias de hoje, é considerada uma doença crônica e por conta dos avanços nos campos do diagnóstico e do tratamento da enfermidade, pessoas infectadas pelo HIV vivem com mais qualidade. O desafio atual consiste na promoção dos direitos humanos e na prevenção de novas infecções em jovens

HSH. Para se alcançar tal desafio, a luta de coletivos de defesa dos direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transsexuais (LGBT) tem contribuído para que essa parcela da população seja reconhecida e conquiste o respeito da sociedade. Passos importantes no combate ao preconceito já foram dados apesar das dificuldades existentes. Todavia, considera-se que, dado o impacto das mídias audiovisuais na vida social mais ampla, faz-se necessário maior representatividade de *gays* para que estes não figurem somente como doentes e subjugados.

Assim, sem pretender uma interpretação unilateral, é correto afirmar a existência de mudanças em curso, pois as novelas brasileiras têm mostrado relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo com cenas de beijo e carícias, algo difícil de se imaginar, na década de 1980, por exemplo. Caso recente foi retratado pela novela ‘Liberdade, Liberdade’, exibida pela TV Globo em 2016. “Protagonizada por Ricardo Pereira e Caio Blat, a cena é considerada a primeira envolvendo sexo entre dois homens na teledramaturgia brasileira” (MARANHA, 2016, p.2). Da mesma forma que o primeiro beijo entre dois homens na novela ‘Amor à Vida’, de 2014, a cena gerou polêmica.

A telenovela acontece no Brasil do século XVIII e retrata hábitos, costumes e percepções daquele período histórico. Nesse contexto, observa-se a ousadia da obra televisiva em abordar um relacionamento homossexual, algo considerado crime em uma sociedade conservadora e influenciada, em larga medida, por valores religiosos. Os personagens vividos por Caio Blat e Ricardo Pereira encontram-se às escondidas e temem serem flagrados juntos. A narrativa considera que relações homoafetivas existiam, mas as convenções sociais e a rigidez moral impunham aos *gays* enormes barreiras, que dificultavam a vida amorosa e profissional dos cidadãos homossexuais na época em que se desenrola a trama. Apesar dessas limitações ou dificuldades, a homossexualidade foi mostrada.

A atual novela da faixa das 21 horas, exibida pela TV Globo, também aborda a questão LGBT. ‘A Força do Querer’, da autora Glória Perez, aborda os dilemas vividos por Ivana, personagem da atriz Carol Duarte, que passará por transição de gênero ao longo da trama. Já o personagem de Silvero Pereira, Nonato, é uma travesti, que atende pelo nome de Elis Miranda. Rejeitado pela família, Nonato vai do Ceará para o Rio de Janeiro, onde tenta ser artista. Sem grande aceitação, acaba trabalhando como motorista. Temendo estereótipos e preconceito, ele esconde ser travesti.

A personagem Ivana não reconhece o próprio corpo como dela. Não gosta dos seus seios e prefere usar roupas masculinas, como as do irmão. Busca apoio psicológico para

responder seus questionamentos e vive em permanente conflito com a mãe, que tenta fazer com que ela seja feminina, use vestidos e tenha apreço por maquiagem. Por meio da transexualidade, a autora trata de temas como identidade de gênero e orientação sexual, termos que podem provocar confusão entre os telespectadores, tornando significativa sua discussão.

A sociedade dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se alguém é homem ou mulher. Entretanto, o fator que determina se uma pessoa é homem ou mulher não é biológico, mas social. Segundo Jaqueline Gomes de Jesus (2012), em termos biológicos, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, por conseguinte, fêmea), e só. Isso não define o comportamento masculino ou feminino dos indivíduos: isso é determinado pela cultura, a qual classifica alguém como masculino ou feminino. Sexo é biológico e gênero, social.

Ao contrário da crença comum hoje em dia, adotada por algumas vertentes científicas, entende-se que a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não um transtorno. Esse é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo que alguns chamam de ‘transgênero’, ou mais popularmente, trans. (JESUS, 2012, p. 9).

Cisgênero é o termo usado para designar a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer. Indivíduos não-cisgênero, que não se identificam com o gênero a eles atribuído, são ditos transgêneros ou trans. Segundo Jesus (2012), analisando-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos enquadram-se na dimensão geral que denominamos de ‘transgênero’, como expressões diferentes da condição trans. A vivência do gênero pode ocorrer por: identidade (o que caracteriza transexuais e travestis) ou funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificado como homem ou mulher. Orientação sexual é a atração afetivossexual por alguém de algum gênero. Um não depende do outro. Pessoas transgênero e cisgênero podem ter qualquer orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual.

A transexualidade é uma questão de identidade e não corresponde a doença nem perversão sexual. “Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado

à forma como pensam e se sentem, e querem corrigir isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si.” (JESUS, 2012, p. 15).

Travestis são pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas que não se identificam com homens ou mulheres, fazendo parte de um terceiro gênero. A maioria das travestis preferem ser tratadas no feminino. Portanto, diga-se “as travestis”. De acordo com Jesus (2012), deve-se ressaltar que nem toda travesti é profissional do sexo. Muitas são forçadas a transitar pela marginalidade, fazendo sexo por dinheiro, algo que ocorre devido à estigmatização, à discriminação e à exclusão social.

Historicamente, a população transgênero ou trans é segregada, vítima de preconceito, já que a crença na anormalidade predomina entre uma parte da sociedade. O fato de alguém não se identificar com o gênero atribuído ao nascimento, relega tal indivíduo a uma categoria de pessoas que muitos consideram ‘anormais’.

Violências físicas, psicológicas e simbólicas são constantes. De acordo com a organização internacional *Transgender Europe*, no período de três anos entre 2008 e 2011, trezentas e vinte e cinco pessoas trans foram assassinadas no Brasil. A maioria das vítimas são as mulheres transexuais e as travestis. Até meados de 2012, segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, noventa e três travestis e transexuais foram assassinadas. (JESUS, 2012, p. 11).

Crimes motivados pelo ódio ou aversão a características da pessoa agredida, que a identifique como parte de um grupo discriminado, segregado, apartado da sociedade. Daí o uso do termo transfobia para definir preconceito e discriminação sofridos por pessoas transgênero.

Tendo em vista a reprodução de estereótipos, a propagação de preconceitos e as atitudes discriminatórias contra *gays*, lésbicas e pessoas trans, a televisão assume papel relevante no debate de ideias que giram em torno do assunto. Sobretudo quando se sabe que para 76,4% dos brasileiros a TV é o meio de comunicação preferido. Segundo Alcântara (2014), tal dado faz parte da ‘Pesquisa Brasileira de Mídia’, documento elaborado a pedido da Presidência da República para auxiliar na criação de política de comunicação e divulgação social do Executivo Federal.

Atendo-se especificamente à audiência da novela das 21 horas, ‘A Força do Querer’, observa-se quão grande ainda é a penetração do folhetim nos lares brasileiros e como pode ser significativa sua participação na questão em destaque: segundo Peccolli (2017), com base em dados presentes no *site* Ibope *media*, a audiência média da trama de Gloria Perez entre 03 de abril e 03 de junho (9 semanas), no PNT (Painel Nacional de Televisão), foi de

32 pontos com 49% de participação. Em São Paulo, a média é de 32 pontos com 47% de participação e, no Rio de Janeiro, 34 pontos com 51% de participação. Isso comprova que a telenovela mencionada está entre os programas de maior audiência da televisão brasileira.

4 Considerações finais

É possível considerar que o discurso televisivo contribui para a (des)construção da representatividade *gay* na sociedade brasileira. A participação de tal segmento da sociedade na construção da identidade brasileira é alvo de programas de televisão e pode ser retratada de maneira pejorativa ou não. Tal abordagem depende do discurso empregado. Palavras e imagens podem enaltecer e valorizar traços culturais e comportamentais, mas também podem ser depreciativas, na dependência do contexto em que aparecem. E a semântica pode ser uma das chaves para isso. De acordo com a ideologia da retórica televisiva, *gays* podem ser reconhecidos como parte integrante da composição cidadã da nação ou podem ser marginalizados.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Diogo. Internet é o meio de comunicação que mais cresce entre brasileiros. **Portal Terra**, 07 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/internet-e-o-meio-de-comunicacao-que-mais-cresce-entre-brasileiros,93855add93994410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O discurso da intolerância: fontes para o estudo do racismo. In: **Fontes históricas: abordagens e métodos**. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras-Unesp. Campus de Assis. Programa de Pós-Graduação em História, 1996. p. 21-32.

DESCOBERTA da Aids completa 30 anos. **Portal Brasil**, 06 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.brasil.gov.br/saude/2011/06/descoberta-da-aids-completa-30-anos>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GIANNA, Maria Clara. Aids: novos e velhos desafios. **Revista Ser Médico**, São Paulo, n.78, p.12-15, jan./mar. 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n.11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/view/6865/6201>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de**

opinião, Brasília, p. 1-42, 2012. Disponível em:<<http://www.diversidadesesexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARANHA, Fernanda. Beijo gay em novelas: veja 8 cenas que marcaram a teledramaturgia. **Home iG>iGay**. Disponível em:<<http://igay.ig.com.br/2016-07-12/beijo-gay-novelas.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MESQUITA, Thayná Cruz de. O reconhecimento das relações homoafetivas e a possibilidade do casamento. **Jusbrasil**, 10 jun. 2017. Disponível em:<<https://thaynamesquita.jusbrasil.com.br/artigos/149934011/o-reconhecimento-das-relacoes-homoafetivas-e-a-possibilidade-do-casamento>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PECCOLI, Vitor. ‘A Força do Querer’ tem recorde em quatro anos no país e Globo dispara na principal praça da Record. **TV Foco**, 07 jun. 2017. Disponível em:<<http://www.otvfoco.com.br/a-forca-do-querer-tem-recorde-em-quatro-anos-no-pais-e-globo-dispara-na-principal-praca-da-record/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n.1, 2012. Disponível em:<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003>. Acesso em: 10 jun. 2017.